

Judiciária identificou 80 novas drogas em seis anos

Toxicologia. O Laboratório de Polícia Científica tem, por ano, dez mil pedidos de análise de estupefacientes. As novas drogas são o desafio

RUTE COELHO

Por ano, chegam ao departamento de Toxicologia do Laboratório de Polícia Científica (LPC ou os “CSI portugueses”) dez mil pedidos de estudo e caracterização de estupefacientes. Na maioria dos casos comprova-se que são, sobretudo, canábis, haxixe, cocaína e heroína, como revelou ontem Carlos Farinha, diretor do LPC, durante uma visita às instalações feita pela bastonária da Ordem dos Farmacêuticos, Paula Martins (*ver texto secundário*).

Mas os maiores desafios dos peritos em toxicologia, atualmente, são as novas drogas. “Nos últimos seis anos identificámos 80 novas substâncias psicoativas (NSP) pela primeira vez”, adiantou a chefe do departamento, Maria João Caldeira. Na parte analítica da Toxicologia está “uma zona apenas dedicada às NSP, às drogas sintéticas que não são novas mas estão abrangidas, a 98% de substâncias que estão fora das drogas de abuso e a outras, tóxicas, que podem estar envolvidas em homicídios e tentativas de homicídio”.

No ano passado, a Toxicologia teve de dar resposta a 70 processos-crime que envolveram NSP, numa média superior a cinco casos por mês. Foram identificadas 40 substâncias psicoativas mas nem todas o eram pela primeira vez, como referiu Maria João Caldeira. Só este ano, no primeiro semestre, já apareceram mais quatro substâncias psicoativas. O ritmo a que estão a aparecer

impressiona.

E como se identificam as NSP? “Fizemos protocolos com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e recorremos às análises por ressonância magnética de próton e carbono. Com este método, isolam-se substâncias ativas de amostras reais para termos padrões de referência. Isto para que as análises a seguir possam ser por comparação com material padrão”, explicou Maria João Caldeira.

Identificação demora 4 a 6 meses

O problema dos exames que se destinam a identificar as novas drogas é o tempo em que é possível a Toxicologia do LPC ter resultados. “Estamos a dar resposta de quatro a seis meses neste tipo de exames. Somos obrigados a dar prioridade aos os processos-crime sumários, em que tem de se dar resposta em cinco dias úteis ou em oito dias seguidos”. Nos mais normais ou rotineiros, a resposta é dada entre 30 e 90 dias, no máximo.

O problema é que os dez mil pedidos de análise de alegados estupefacientes por ano extravasam o que se fazia há uma ou duas décadas. “Agora já não é apenas dizer se é cocaína, heroína, droga sintética ou haxixe. É também calcular o princípio ativo, tal como o número de doses. E, com as novas substâncias psicoativas, é também analisar outras substâncias que até há pouco tempo não eram incluídas, não estavam na lista das proibidas”, salienta Carlos Farinha.

Em junho de 2015 foi notícia a

descoberta de uma equipa de cientistas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, liderada por Helena Gaspar, investigadora do Centro de Química e Bioquímica, que, em colaboração com o LPC da Polícia Judiciária, identificou uma nova substância psicoativa – a 4F-PBP –, em pós brancos apreendidos em Portugal.

A 4F-PBP é uma nova droga, não listada nas Convenções das Nações Unidas sobre Estupefacientes e Substâncias Psicotrópicas, mas que constitui igual perigo para a saúde pública. Trata-se de uma droga sintética, pertencente à família das catinonas e encontrava-se misturada com o hidrato de carbono mio-inositol, uma substância usada no fabrico de medicamentos e já anteriormente encontrada em misturas com cocaína.

“As novas substâncias trouxeram uma exigência e uma dificuldade que nos obrigou a encontrar soluções, como as de fazer contactos com academias e faculdades onde há conhecimento científico”.

O LPC tem 50 mil pedidos de perícias por ano nas várias áreas, a que tenta dar resposta em 90 dias, no máximo, adiantou o diretor.

Carlos Farinha mostrou ainda o departamento de Biologia à bastonária dos Farmacêuticos, Paula Martins. Cristina Costa, responsável pelo setor de Biologia, conduziu a visita por uma sala onde se encontram vestígios biológicos já recolhidos. “Aqui são feitos testes para pesquisa de sangue humano,

sémen, cabelos”. No departamento de Biologia a maior parte das análises feitas dão resposta a processos-crime por violação, abuso sexual, homicídio e tentativa de homicídio, ofensas à integridade física. “Mas também fazemos em processos de *carjacking* em que seja recuperável a roupa, explosões de ATM em que, com base na análise de fotogramas de videovigilância, seja recuperável a roupa ou até análise de um assalto a residência em que use um pouco de papel higiénico e saliva para tapar o óculo também se pode analisar, ou pastilha elástica. Uma ameaça com carta anónima: se a pessoa for da velha guarda e resolveu lamber o selo, também se pode analisar”.

Os peritos em Biologia do Laboratório de Polícia Científica utilizam ainda a Genética para identificar suspeitos através do ADN em

situações de crime. E também fazem investigações de paternidade se essa for essencial para a prova num crime, por exemplo, de abuso sexual.

240

› **peritos no LPC**

160 especialistas estão na sede do Laboratório, em Lisboa. Mas a nível nacional, contando com as delegações, são 240, referiu Carlos Farinha.

60

› **anos de história**

O Laboratório de Polícia Científica foi criado em 1957. Em outubro deste ano vai completar 50 anos

de existência.

50 000

› **pedidos de perícias por ano**

O LPC dá resposta a 50 000 perícias por ano, tentando não exceder o prazo máximo de 90 dias para dar os resultados.

3

› **grandes áreas**

O LPC está organizado em três áreas centrais: Biotoxicologia, Criminalística e Físico-Documental, que se subdividem em outras áreas específicas.

Área: 1342cm² / 65%

FOTO Tiragem: 24.000

Cores: 4 Cores

ID: 5771468





A visita da bastonária dos Farmacêuticos passou pela **Balística, Toxicologia e Biologia forenses**. Nas salas os técnicos trabalham na análise de amostras para identificar substâncias (**Toxicologia**) ou para testar vestígios biológicos (**Biologia**)



ESPECIALIDADES

Os "CSI portugueses" são uma mais-valia nos processos-crime porque encontram provas científicas

Balística. O bilhete de identidade das armas

› Integrada na grande área da Criminalística, a Balística conta com peritos que conseguem, por exemplo, reavivar os números de série de armas que foram rasurados. Por causa desta especialidade, um armeiro, vendedor de pistolas e revólveres a criminosos do país, foi encarcerado, juntamente com alguns sócios, já há uns anos. O reavivamento de um número de série pode demorar de 10 minutos a duas horas. Depois de recuperado, vão ao ficheiro de armas da PSP e ficam a saber de quem é a arma.

Biologia: a ciência do ADN não engana

› Para além da análise de vestígios biológicos, como sangue, sémen ou cabelos, o departamento de Biologia conta ainda com as máquinas de processamento de ADN para identificar possíveis suspeitos. Os testes genéticos são também de grande importância para o reconhecimento de vítimas em catástrofes naturais. Aquando do tsunami no Sudoeste Asiático, peritos de genética portugueses foram chamados a fazer testes de ADN para ajudar no reconhecimento de vítimas.

Área: 1342cm² / 65%

Tiragem: 24.000 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5771468

Química Forense: peritos em atentados

► Foram os peritos em Química Forense do LPC que determinaram a que distância foi acionada a bomba contra o dono do bar O Avião, na madrugada de 2 de dezembro de 2007, e que tipo de explosivo se usou. Os técnicos tiveram de reconstruir o engenho explosivo para melhor o analisar. Como estava fragmentado, analisaram muitas amostras. Também são preciosos na determinação das causas dos fogos. É uma área que representa 9% dos pedidos do LPC.

Toxicologia: não há substância que escape

► Identificar e quantificar estupefacientes como canábis, haxixe e cocaína é uma das principais missões dos peritos em toxicologia. Para além disso, agora também têm de estudar os princípios ativos e estão lançados na tarefa cada vez mais gigantesca de identificar novas substâncias psicoativas, por vezes com a colaboração da Faculdade de Ciências. São das perícias mais pedidas ao LPC.

Bastonária quer mais farmacêuticos peritos

INTERCÂMBIO. O Laboratório, que faz 60 anos, nasceu da Farmácia e foi dirigido por pessoas da área. Agora só tem uma estagiária do setor

Nos Roteiros Farmacêuticos que a bastonária Paula Martins anda a realizar, escolheu visitar ontem o Laboratório de Polícia Científica da Polícia Judiciária, em Lisboa, porque considera “estas áreas da peritagem, partilhadas por profissionais com distintas competências técnico-académicas, como *clusters* muito importantes para o país”. A bastonária dos Farmacêuticos transmitiu ao diretor do LPC, Carlos Farinha, que “podemos e gostaríamos de ter mais estagiários nestas áreas”. Atualmente, o LPC conta apenas com uma estagiária vinda do curso de Farmácia, que está a realizar o estágio no departamento de Toxicologia.

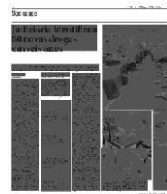
Na reunião entre os dois responsáveis lembrou-se que o Laboratório, que completa 60 anos em outubro, já foi dirigido por pessoas da área farmacêutica, como Alberto Ralha (1921-2010). E que áreas como a Toxicologia ou a Biologia são indicadas para transformar far-



Bastonária Paula Martins, da Ordem dos Farmacêuticos

macêuticos em peritos. Até porque Carlos Farinha prefere académicos de outras áreas a jovens formados em Ciências Forenses.

“Temos a plataforma ensino-profissão, criada há um ano e dirigida pela professora catedrática de Coimbra Margarida Carmona. Esta estrutura coloca em diálogo os nove mestrados integrados de Ciências Farmacêuticas, públicos e privados. E cabe perfeitamente aí o lançamento do repto para hipótese de estágios e trabalhos académicos nestas áreas forenses”, salientou Paula Martins. A estagiária de Toxicologia estava “a adorar” e já se vê como perita forense. R.C.



Área: 1342cm² / 65%

Tiragem: 24.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5771468